

Entre Vistas e Olhares

Katemari Diogo Rosa
fala¹ aos
Cadernos de Gênero e Tecnologia

Chegou a hora de apresentarmos a primeira entrevista com uma mulher negra (acho que já passou da hora, mas enfim, agora aconteceu.) e ela é Katemari Diogo Rosa, Física e professora da Universidade Federal da Bahia. Katemari nos conta sobre sua trajetória de vida na qual percebe-se que foi um caminho de muito trabalho e dedicação. As conquistas não foram fáceis, mas foram muito importantes.

Katemari é uma pessoa inspiradora, e como o mundo está precisando de inspiração! Nas próximas páginas vocês poderão conhecer um pouco mais dessa mulher negra, que eu considero vitoriosa e exemplar. Ela nos mostra que, por mais que haja dificuldades, há motivos para seguir na luta. Em sua fala, percebe-se uma mulher confiante e otimista, características fundamentais para se inserir, manter e crescer em uma sociedade que, muitas vezes, se mostra machista, racista, homofóbica, misógina, ou seja, plena de preconceitos.

Katemari, tão generosamente nos atendeu e despendeu de seu tempo para responder a essa entrevista e contribuir com os Cadernos de Gênero e Tecnologia, fato que agradecemos imensamente. Convidamos a todas e todos a esta leitura na certeza de que será um momento agradável, enriquecedor e inspirador.

CGT – Olá Katemari, inicialmente agradecemos sua disposição em participar da seção “Entre vistas e olhares” dos Cadernos de Gênero e Tecnologia.

Katemari - Obrigada, vocês

CGT - Vamos começar com sua trajetória pessoal e profissional. Fale-nos um pouco sobre isso.

Katemari - É difícil falar sobre toda minha trajetória pessoal, eu nasci em Porto Alegre, fiz o ensino fundamental em uma escola pública estadual e o ensino médio na então Escola Técnica de Comércio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Eu fiz um curso técnico em secretariado, entrei em meados da década de 1990. Comecei a trabalhar aos 15 anos, trabalhava na biblioteca da faculdade de administração e economia da UFRGS durante os três anos do meu ensino médio; teve um ano em que eu estudava de manhã, trabalhava de tarde na prefeitura de Porto Alegre no Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB) e trabalhava de noite na biblioteca.

Eu gostava já de ciência naquela época e por acaso a escola, no primeiro ano, era no campo central da UFRGS e do lado, muito próxima, do observatório astronômico. Depois a escola técnica se mudou para o campus da saúde e ficava no mesmo terreno da faculdade de comunicação e do planetário da UFRGS, então eu fui em muitas sessões do planetário durante meu ensino médio; tinha sessões para crianças durante a manhã, então eu ia, às vezes faltava aula e ia para o planetário. Nisso já estou falando um pouco da minha conexão com a ciência.

Depois eu participei durante um ano de um projeto de extensão que tem no instituto de física da UFRGS com atividades de laboratório para estudantes do ensino médio. Eu terminei o ensino médio e fui trabalhar na TV Educativa. Na TV E, durante o dia e fazia matemática a noite na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). No ano seguinte entrei para a física, graduei em licenciatura. Durante minha graduação trabalhei em um Programa de Educação Fundamental para Jovens e Adultos Trabalhadores, o PEFJAT. Que era da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi a primeira vez que dei aula na vida. Depois dei aula no PEMJAT, que era o programa de ensino médio.

E aí trabalhei com organizações não governamentais que ajudavam estudantes a se preparar para ingresso na universidade. Foi naquele boom dos cursos pré-vestibulares populares dos anos 2000. Aí nisso eu fundei, junto com outros colegas e outras colegas, uma Organização não Governamental (ONG), a Organização Não Governamental para Educação Popular (ONGEP) que ainda existe, sob coordenação de outras pessoas. Fizemos muitos trabalhos de educação popular em Porto Alegre.

Mais para o final da graduação, durante vários anos, eu acho que foram duas ou três edições de um curso de verão na USP, eu me interessei na área de fluídos complexos e ia fazer mestrado nessa área, porém teve uma greve, a UFRGS sendo federal e a USP estadual os calendários não bateram e acabei perdendo aquela entrada do mestrado. Ai depois acabei me interessando por história e filosofia da ciência. Aí resolvi estudar isso.

Tranquei minha faculdade e fui participar durante um semestre em um intercâmbio do departamento de física atmosférica do Imperial College em Londres. Voltei, conclui a graduação e fui para Salvador onde tinha um programa de Ensino de História e Filosofia de Ciência e queria estudar isso. Mas primeiro fui como aluna especial porque não conhecia nada, nunca tinha ido para Salvador na minha vida; fui fiz uma disciplina, teve uma greve e como estava demorando muito voltei para Porto Alegre. Quando a greve terminou já foi o período de seleção, voltei para salvador fiz a seleção, entrei para o programa e fiz o mestrado. Trabalhei analisando experiências de inserção de história e filosofia da ciência na formação dos cursos de física, especificamente olhei o curso de física da UFRGS que tinha uma disciplina de epistemologia da física e no curso da Federal da Bahia, que tinha um projeto diferenciado com umas disciplinas de física básica que tinham esse caráter de contextualização histórica dos conteúdos de física.

Depois disso terminei o mestrado e fui professora visitante na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Quando estava lá comecei a orientar uma estudante no TCC e ela estava interessada em estudar sobre mulheres na ciência e comecei a ler sobre essas questões para ajudá-la no trabalho. Acabei me dando conta e me questionando onde falam das mulheres e onde estão as mulheres negras. Comecei a me dar conta nos eventos que ia de física, nos de ensino de física particularmente, que não via mulheres negras e me dei conta de que eu era a única mulher negra de física que eu conhecia. Fui procurar e ler sobre essas coisas e não achei nada na literatura do Brasil que falasse sobre isso. Aí fui olhar na literatura internacional e acabei encontrando coisas e aí eu resolvi que eu queria pesquisar sobre isso. Fiz um projeto de pesquisa para o doutorado e fiz a seleção que coincidiu que abriu o edital de bolsas para doutorado pleno no exterior e fiz a seleção que durou quase um ano. Nesse meio tempo enquanto fazia a seleção

abria seleção do doutorado da UFBA que fiz também e passei nesse programa de ensino de história da filosofia da ciência. Antes disso, no ano anterior quando terminei mestrado fiz seleção no doutorado da UFBA e não passei. Foi com outro projeto, olhando questões de currículo oculto nos cursos de física.

É interessante que meu projeto era para olhar as trajetórias de vida das mulheres negras na física, me aconselharam a conversar com uma professora do programa que trabalhava questões de gênero e ela me disse “ah, por que você quer olhar para mulheres negras? Tem tantas coisas para falar sobre mulheres na ciência...”, “ah eu entendo que existem especificidades da mulher negra, tem o feminismo negro, mas tem muita coisa para olhar na mulher na ciência”. Ela também disse que metodologicamente meu projeto tinha problema por olhar questão de raça e de gênero ao mesmo tempo, pois eram ‘categorias de análise diferentes’. Na época eu não sabia nada sobre interseccionalidade por exemplo, mas aquilo me soou muito estranho, como que eu não posso olhar para gênero e raça juntos? Eu posso não dominar as ferramentas metodológicas e teóricas sobre essa questão, mas eu tenho certeza que essa é uma coisa que é possível de ser estudada e queria estudar isso.

Acabei sendo aprovada na bolsa do exterior e tranquei o doutorado aqui no Brasil e fui para Nova York estudar na Columbia University, onde eu fiz meu doutorado pleno e fiquei lá quase cinco anos. Em 2013 voltei para o Brasil e fiz a seleção para ser professora na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), passei e trabalhei lá. Final do ano passado (2016) eu fiz um concurso na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e passei só que levou um tempo até terminar o concurso e ser chamada. Em abril agora (2017) eu ingressei na UFBA, onde estou agora no Instituto de Física; meu primeiro semestre foi brutal, peguei disciplinas pesadas, matérias que nunca tinha dado. Estava preparando e dando aula a aula, foi um período bem conturbado além da mudança para a cidade, desfazer caixas, aquela coisa de começar a ajeitar a vida. Tem sido um período de adaptação, mas a vida anda, com trabalhos, projetos, prestações de conta, bancas, todas essas coisas sempre acontecendo. Mas agora essas coisas estão se acalmando.

CGT – Você enfrentou algum/uns desafio/s durante sua trajetória acadêmica para se estabelecer como professora universitária de Física?

Katemari - Sim, claro, acho que todo mundo, qualquer professora ou professora em nível universitário ou qualquer nível, qualquer profissão que a gente tenha; a gente enfrenta obstáculos, acho que é algo inerente à posição de uma carreira. Não sei se posso dizer que me estabeleci como professora universitária de física (risos), sou uma professora em início de carreira universitária, mas tem vários desafios, a academia é um espaço bem cheio de desafios. É um espaço que tem muita pressão, pressão de prazos, pressões psicológicas, financeiras, pressões de pensar se é isso que queremos fazer ou não.

Eu acho que tem muitos desafios nesse sentido, e a física em si, como várias outras áreas, é uma área desafiadora.

CGT – Você percebeu algum obstáculo que se impôs a você durante sua trajetória acadêmica e profissional por ser mulher? E mulher negra?

Katemari - Tem obstáculos durante minha trajetória acadêmica e profissional, em relação a minha posição como mulher negra que são decorrência de uma estrutura social patriarcal e racista na qual a gente vive. Então eu entrar no espaço universitário já é uma superação de um obstáculo, porque pelas estatísticas não era para eu estar lá. É um espaço que a todo momento me lembra, me manda mensagens que aquele não é um lugar para mim. Isso se dá de várias formas: não tendo outras pessoas, outras mulheres negras naquele espaço; não tendo outras pessoas como eu. Esse espaço acadêmico, tanto quando eu estava na graduação, depois no mestrado e agora enquanto professora, ele constantemente me lembra que eu sou diferente das pessoas que estão ali. Isso por si só é um recado de que eu não pertencço àquele lugar. É um obstáculo. Eu tenho que trabalhar e fazer as coisas, produzir e pensar. Criar apesar de. E eu gosto do que eu faço, e eu gosto de física apesar de compreender a física que a gente estuda normalmente é uma construção eurocêntrica e masculina.

Ainda assim eu gosto de física, apesar de que ela seja uma área que nega, que esconde, que comete aí o que se pode chamar de epistemicídio, que nega quaisquer construções epistemológicas que não sejam de uma base europeia e branca como ciência. Então ao mesmo tempo que eu gosto da área, que eu me encanto com a física e a lógica da física eu também procuro conhecer outras lógicas, outras formas de conhecimento e pensar de que maneira é possível e de quais maneiras seja possível mudar a própria física.

Aí tem as questões de ordem prática, cotidiana que, de novo, são parte e reflexo da nossa sociedade que é estruturalmente patriarcal, sexista e racista. São as piadas que a gente ouve, as brincadeiras, os comentários, que são sexistas, racistas, homofóbicos. Isso escutei muito durante a graduação, na maioria das vezes as pessoas quando falam isso não estão falando numa intencionalidade de promover racismo e sexismo, de uma forma “natural”, entra aspas porque isso é naturalizado na nossa sociedade. Então as pessoas fazem isso não necessariamente com a intenção de ser uma agressão apesar de que seja.

Eu sinto que faço um bom trabalho, tão bom quanto de outras pessoas, às vezes melhor, não por eu ser melhor, mas porque eu preciso não cometer faltas. Digamos assim, é mais como se meu relatório tivesse que estar mais impecável do que o relatório de outra pessoa, a minha lista de exercícios tem que estar mais bem organizada do que de outra pessoa. As minhas aulas têm que ser aulas que estejam muito bem preparadas; não que eu não prepare as aulas ou que eu não queira preparar as aulas, longe disso. A questão é que a cobrança que se tem e os olhares procurando erros é muito maior, as pessoas procuram críticas em tudo que eu faço.

Eu costumo utilizar muito novas tecnologias, coisas assim, nas minhas aulas aí se eu utilizo novas tecnologias vem o comentário “ah isso não é muito bom”, se eu não utilizo “não, mas você tem que utilizar”. Eu não tenho como não receber uma crítica. Enquanto outros professores podem fazer qualquer coisa, podem dar aulas notoriamente problemáticas, mas tá tudo bem pra eles. Não que eu tenha ouvido qualquer reclamação das minhas aulas pelos colegas, mas assim existe um escrutínio maior das coisas e das ações que eu faço. Falando isso, claro, da percepção que tenho.

CGT – Como seus/suas colegas, professores/as de física reagiram diante de sua aproximação aos estudos de gênero?

Katemari - Não sei, meus colegas e minhas colegas na época... não sei, nunca nem prestei atenção assim na verdade, se teve alguma reação de colegas e professores. Talvez tenha assim, quando eu estava na UFCG que foi o trabalho com essa estudante, que a gente falou de mulheres na ciência, a reação foi as piadas “ah, ficar olhando coisas de mulher”, ou então sobre coisas cor de rosa, ou então “Katemari é aquela, que fica falando de sexismo”. Então talvez isso, as piadas, das pessoas não levarem muito a sério.

E agora, eu não sei, sei que as pessoas pensam e talvez tenham reações, nem sei se estão preocupadas com o que eu faço ou não, mas se tem alguma coisa não é na minha frente, devem ser comentários de corredor, eu sinto que há uma percepção de o que eu faço não é relevante. Continuamente eu acabo tendo elementos externos que vão indicando a relevância disso, por exemplo, na UFCG logo que eu cheguei eu escrevi um projeto e ganhei um edital de 499 mil reais, então isso já foi uma coisa assim, nesse mundo do capital essas questões monetárias se refletem na academia, então ganhar projetos dá um respaldo para as coisas que eu faço, então a licenciatura, a formação de professores e professoras é relevante porque eu ganhei aí esse edital de meio milhão.

Depois teve um outro edital que eu ganhei, que era para trabalhar sobre questões de gênero, mas a minha estudante bolsista que trabalhava comigo dentro desse projeto ouviu muita coisa e eu só fui saber disso quase um ano depois porque daí ela me contou sobre essas várias coisas que ela escutou por estar trabalhando com isso. Disseram para ela sair disso, que isso não tinha futuro, que não tinha nada a ver com as questões de ensino de física, que ela ia destruir a carreira dela, que isso era bobagem e que isso não era pesquisa séria. Ela ouviu muita coisa, tadinha. Assim, eu digo tadinha porque eu não sabia dessas coisas; mas também é muito lindo ver a trajetória dela desde que ela começou, porque ela estava no segundo semestre quando a gente começou esse trabalho, até hoje, como ela mudou, como ela cresceu e produziu coisas e como ela percebe e reage a agressões em um instituto de física.

Eu estou falando bastante dela agora porque justamente neste final de semana ela me mandou uma mensagem falando que um professor lá do departamento dela mandou duas imagens de um livro que foi escrito supostamente por uma pessoa que fez o curso de física e aí esse livro é um relato das peripécias sexuais dele durante o período da graduação. Tem um linguajar explícito. E ele mandou isso, sabe. Umas coisas assim “meu apelido era pinto...” (não lembro agora) e ele mandou isso para ela! E eu fiquei assim “nossa o que é isso? Que contexto? Como assim?” E ela disse que ele queria ver a reação dela. Isso é uma completa falta de noção de limite do trabalho acadêmico, das relações acadêmicas e uma naturalização de que é adequado essa intimidade com uma estudante. E ela reagiu, disse que aquilo era nojento, respondeu para ele, então assim, eu vejo isso como um crescimento dela.

Então pensando em termos de como as pessoas reagiram quando eu fui trabalhar com raça, digo assim, as pessoas não reagem diretamente comigo. Tem um colega meu que dizia (risos), gosto muito dele, e numa reunião de departamento é aquela coisa, aquele monte de homem e a gente escuta um monte

de barbaridade e toda vez que alguém falava alguma coisa ele virava e olhava para mim (risos), ele falava alguma coisa e dizia “tenho medo do que a Katemari vai dizer”, alguém fala alguma coisa e ele olha “deixa eu ver o que a Katemari vai falar” porque então eu sou aquela pessoa que responde as coisas. Por exemplo, uma coisa idiota em uma reunião de departamento: O professor saiu da sala e foi no banheiro, depois o outro professor saiu também, sei lá onde foi. E aí a gente estava discutindo algo, mas “ah, fulano saiu, ah o outro saiu também, acho que foi no banheiro”, e alguém “ah, mas, os dois foram no banheiro? O que eles foram fazer no banheiro juntos?” E eu respondia “minha gente, a masculinidade de vocês é tão frágil que vocês não vão se segurar se estiverem em um banheiro com outro homem, é isso?”

Sabe, isso é uma conversa em uma reunião de departamento na física. E aí às vezes eu falo às vezes não falo porque é tão cansativo, mas tem vezes que falo alguma coisa; mas para mim, diretamente, as pessoas já não falam. Se eu escuto, muitas vezes principalmente quando tem estudante presente, porque estudantes estão em uma situação mais vulnerável. Uma outra vez isso foi aqui em uma sala de aula, teve alguém que processou, algum caso de estudante de ensino médio que tinha processado ou estava processando algum professor porque tinha feito alguma piada, ou tinha chamado de viado, e eu disse “tem mais é que processar mesmo, porque isso não pode etc” e os professores já ficaram assim “é, pois é”...

Então as pessoas têm, pelo menos na minha frente, um pouco de cuidado talvez, não sei, mas diretamente eu sinto um pouco isso assim, em relação ao trabalho que eu faço. Eu sei que existe pouco respeito, às vezes.

Aí depois eu ganhei um outro edital, agora ganhei um edital universal do Conselho Nacional de Pesquisa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) para trabalhar olhando para questões de raça em um ambiente científico e depois eu tive um artigo, deste ano que passou, que eu fui ao encontro da sociedade americana de física porque o meu artigo foi um dos escolhidos, dentre os artigos que foram publicados lá, para ser apresentado na reunião. Então tem algumas coisas assim, alguns reconhecimentos do trabalho, então eu acho que colegas estão mais ou menos assim, meio que engolindo talvez, sabe aquela coisa, mas eu tenho uma consciência de que isso é relativamente frágil, não é algo que esteja consolidado, não é uma pesquisa que é respeitada, é uma coisa que vai se aceitando e tal.

CGT – Como você percebe a inserção das mulheres na Física?

Katemari - Eu percebo que é uma inserção relativamente pequena, as pessoas podem ter uma percepção de que tem aumentado, mas não tem e quando olhamos para os números, a presença de mulheres na física não tem aumentado, ela tem permanecido constante. A gente continua em torno daqueles 20% e a gente continua enfrentando o reflexo dessa estrutura social mais ampla que é: patriarcal, sexista, racista; portanto a física, que não é um espaço privilegiado no sentido de ser formado por pessoas diferentes da sociedade, de maneira mais ampla é um recorte do que acontece no mundo.

A física é vista, historicamente e socialmente, como algo para homens, algo epistemologicamente mais difícil ou superior, então ‘isso não cabe às mulheres’. Isso ainda existe. A gente está aumentando as discussões sobre gênero, mas a presença, a participação de mulheres ainda é baixa.

CGT – Como você percebe a participação feminina no desenvolvimento do conhecimento sobre física e o registro das trajetórias das mulheres na história nesta área do conhecimento?

Katemari - Eu percebo que tem poucas mulheres, houve poucas mulheres no passado, há poucas mulheres no presente e as mulheres contribuem com o conhecimento sobre física; não são as pessoas que dão as maiores contribuições porque nós estamos em minoria, mas nós damos contribuições tão significativas quanto as de homens. Apenas somos menos. Tem mulheres que produzem boa física. A produção de mulheres está em pé de igualdade no sentido de qualidade de produção como qualquer outra pessoa, “qualquer outra pessoa” falando em termos de homens e mulheres então a das mulheres é tão boa ou contribui tanto quanto homens em termos qualitativos. Termos quantitativos por outro lado, e essa é minha percepção, é esperado que os homens contribuam mais porque eles são 80% da população da física então eu espero que eles estejam fazendo mais, porque também sendo 80% e se não estiverem fazendo mais aí fica mais difícil ainda, significa que se as mulheres estiverem produzindo mais que os homens, o que acho pouco provável, significaria que a maior parte dos homens não faz muita coisa né, mas acho que esse não é o caso. Mas acho que não é esse o caso, tanto físicos homens quanto físicas mulheres produzem trabalho de igual qualidade, porém elas têm participação menor.

A questão do registro das trajetórias ao longo da história é algo que não há; há pouco registro da trajetória das mulheres. Isso tanto do ponto de vista do campo da história, existe pouca produção de história da ciência a partir de personagens mulheres. Isso é algo que precisa ser mudado, tem sido mudado, ao meu ver, muito lentamente, mas tem se trabalhado nisso e é preciso que se desenvolvam construções que mostrem as trajetórias das mulheres, que se estudem essas mulheres e suas contribuições, não só na física, em todas as áreas. Claro que falo do meu lugar da física, mas isso não é uma questão apenas da física, é uma questão de todas as áreas. Mesmo quando a gente olha para biologia, uma área que tem mais mulheres, mesmo nessa área a gente conhece mais de pesquisa de biólogos homens do que mulheres, apesar de mulheres serem a maioria. A nossa estrutura patriarcal de sociedade reproduz na epistemologia essa opressão, então o conhecimento produzido por mulheres na biologia acaba sendo menos conhecido do que o dos homens.

CGT - Em sua concepção, como as mulheres negras tem se inserido tanto nos estudos de física quanto nos estudos de gênero?

Katemari - Olha, eu acho que, e vou falar muito de uma percepção completamente anedótica sem qualquer dado, acho que tem aumentado, mas posso estar muito equivocada. Nós não temos dados sobre isso.

Pensar em mulheres negras na física não era uma questão até pouco tempo, não era uma preocupação. Era algo que em 2007, no Brasil, quando fiz uma revisão da literatura, não tinha nem uma publicação no estudo de gênero, no ensino de ciência, na física, nos estudos culturais, na educação, não tinha publicação que falasse de mulheres negras na ciência, não tinha trabalho sobre isso. Essa é uma questão muito recente na academia.

Então assim, a questão das mulheres negras nos estudos de gênero a gente tem mais tempo, temos uma história de feminismo negro, temos uma história no

Brasil de mulheres negras que, a partir do movimento negro, trouxeram discussões das especificidades da mulher negra, das intersecções de raça gênero e etnia. De como o feminismo que se diz para todas as mulheres representava só uma parcela das mulheres e que não representava as mulheres negras. A gente tem isso na história do Brasil, temos pesquisadoras e ativistas negras.

Então olhando para o estudo de gênero a gente tem isso há mais tempo e essa inserção, na minha percepção, de novo, totalmente sem dados, mas sinto que isso tem aumentado. Acho que estamos em uma nova era de produção e infusão do conhecimento com a questão da internet e das redes sociais e a gente tem uma nova geração que começa essas discussões e eu tenho muita fé nessa nova geração, apesar dos Movimento Brasil Livre (MBL) da vida, composto de tanta gente jovem. Mas eu tenho muita fé nessa nova geração, especialmente dessa nova geração de mulheres negras no Brasil.

Minha percepção é de que a inserção das mulheres negras tem aumentado no campo de estudos de gênero e na física a partir dessa nova geração, estudantes tanto de graduação quanto de pós estão vendo e se pensando mais enquanto pessoas, mulheres racializadas dentro deste espaço. Eu tenho a percepção de que essa consciência não era tão clara, talvez, há algum tempo, porque a física tende a tentar encobrir essas questões tanto de se pensar as pessoas como seres racializados, como seres engendrados e tenta com um discurso dizer que essas coisas não importam na física, que o que importa é só o conhecimento científico; como se o conhecimento científico fosse algo descolado das pessoas que o fazem. Então esse discurso ajuda a esconder as questões de sexismo e racismo e outras opressões que acontecem no meio da física.

Minha percepção é que, a partir dessas discussões que temos feito, das redes sociais e das meninas e das mulheres, das jovens estarem vendo que é uma discussão possível e estarem se percebendo nesse espaço como mulheres negras, eu acho que essas discussões tendem a aumentar. Mesmo mulheres físicas negras que estavam aí há algum tempo, que estão trabalhando na academia e produzindo, até pouco tempo não questionavam; não é que não questionavam, talvez não encontrassem o espaço ou não conseguissem sistematizar essa agressão sentida como algo que é da racialização dos seus corpos nesses espaços. Porque é preciso ter uma consciência do que a gente é. Pra enxergar o racismo que a gente sofre é preciso ter consciência que ele existe.

Não é incomum a gente ver pessoas negras falando que nunca sofreram ou viveram uma situação de racismo, mas não é porque elas nunca experienciaram, isso é porque muitas vezes elas não identificam uma situação de racismo. É preciso haver uma consciência do que é, e aí quando você entende o que é, você entende que determinado comentário que as vezes você escuta e até sente um certo desconforto e não sabe o porquê daquilo. Quando você entende que aquilo é racismo você passa a entender aquilo como agressão racista, que é o que é. Então essa coisa de dar os nomes, de chamar sexismo de sexismo, de opressão de classe de opressão de classe, de elitismo, de racismo... essa coisa de nomear e ter clara consciência do que são, de como se dão esses processos, isso é importante, até para gente se reconhecer nesse espaço e pensar que é possível mudar isso e lutar contra essas coisas. Quando a gente não se reconhece e não compreende essas questões, dificilmente a gente vai ter condições de perceber isso como uma questão nesse sentido. Eu acho que as mulheres negras de diferentes gerações

têm tido mais esse espaço para reconhecer o racismo dentro do espaço acadêmico.

CGT – Como você vê o desenvolvimento do campo Gênero, Ciência e Tecnologia – GCT no Brasil?

Katemari - Eu vejo como algo crescente em plena expansão, e acho que tende a crescer mais, como já falei antes, essas novas formas de produção e infusão de conhecimento e como a gente acaba tendo acesso a outras partes do mundo: como por exemplo as discussões que estão sendo feitas na Índia por pesquisadoras indianas que estão denunciando sexismo também, e aqui nas Américas, na América Latina, nos Estados Unidos, a gente vê algumas coisas também vindo de pesquisadoras, especialmente na área de gênero, de alguns países africanos, a gente tem algum contato. Essa difusão do conhecimento tem se ampliado bastante e acho que só contribui para o campo de gênero, ciência e tecnologia.

CGT – Quais são os desafios, bem como suas expectativas, para os próximos anos para os estudos de Ciência, Tecnologia e Gênero?

Katemari - Um dos desafios, uma coisa que me interessa muito, são os desafios que as discussões sobre transexualidade trazem para a gente pensar concepções de gênero. Então acho assim que as mulheres trans, que os homens trans, que as pessoas negras de uma maneira geral, têm sido assim os grupos que colocam as nossas discussões para frente, que forçam o crescimento do nosso conhecimento. Eu acho que um dos grandes desafios, revoluções e mudanças de pensamento que serão provocados nos próximos tempos, nos próximos anos, nas próximas décadas são as questões ligadas à transexualidade, às tecnologias reprodutivas. Isso acho que vai trazer uma grande mudança de paradigma talvez para as questões de gênero e conseqüentemente quando a gente pensa no campo dos estudos da ciência, tecnologia e gênero, há uma mudança então com isso.

Paralelamente, pensando na ciência e nas concepções de ciência, eu acho que esses novos, e nem tão novos, mas cada vez mais presentes estudos e discussões sobre decolonialidade do conhecimento, particularmente sobre conhecimento científico, vai ser o caminho e desafio para a gente pensar novas possibilidades de ciência. Então, falando em termos de ciência, tecnologia e gênero eu acho que os estudos decoloniais e que os estudos sobre a transexualidade vão ser o que vai dar a direção dos nossos novos estudos, das nossas novas compreensões nas próximas décadas.

Se a gente fosse apostar alguma coisa, eu ia apostar nesse caminho. Essas são coisas que me interessam e que me desafiam intelectualmente, pensar as questões da transexualidade e decolonialidade.

CGT – Tem alguma coisa que você gostaria de falar e não foi perguntada?

Katemari - Acho que não, no momento não, não sei mais quanto tempo tem de gravação, mas se for transcrever tem bastante material (risos). A única coisa que posso dizer de novo é mais uma vez, mil vezes desculpas e muito obrigada pelo convite. E assim, é difícil conseguir manter as agendas, manter os compromissos, a sanidade as relações pessoais, manter minhas plantinhas, a família e não deixar ninguém na mão. É uma coisa muito difícil, é uma coisa assim também que a gente... eu tenho que aprender não só como administrar o tempo, mas eu quero estar presente nas coisas, eu quero contribuir com as coisas com os movimentos

com as organizações. Quero produzir academicamente e gosto de planejar aulas, e mudar aulas e propor coisas novas e o desafio é como eu concilio essas coisas. Como diminuir o sentimento de culpa quando a gente não consegue conciliar as coisas. Esses são desafios também que são maiores para as mulheres negras ou para as pessoas trans na ciência, porque além da nossa produção acadêmica temos a produção ativista e a gente acaba ficando sobrecarregada, às vezes. Não sei como a gente resolve, é algo para a gente pensar, não sei... quer dizer, até sei, a gente tem que ter mais gente (risos), a gente tem que deixar de ser minoria, numericamente falando e politicamente falando e passar a ser mais protagonista, ter mais pessoas, e aí em certa medida deixar de ser questão ,não por não haver preocupação com isso, mas por já não ser mais um problema.

Esse é, talvez, o meu sonho. Já terminando o ano, então assim “sonho para 2018” (risos), que não vai acontecer, quer dizer, não vai acabar tão cedo mas é uma coisa utópica, é de que a gente tenha problemas novos, que as questões que as mulheres têm na academia, na sociedade de uma maneira geral, mas eu irei focar aqui na academia, que esses enfrentamentos sejam cada vez menores, que possamos usar nossa energia para criar e produzir conhecimento, para além do conhecimento dos enfrentamentos do patriarcado; é uma coisa que, enquanto sociedade, nos atrasa. A gente gasta uma energia, uma produção para tentar minimizar e tentar combater esse sistema. É um grande desperdício de nós, mulheres, além de ser uma agressão e uma violência contra o ser humano, é um grande desperdício. Que no próximo ano a gente possa se encontrar e conversar, publicar e produzir e falar sobre outras questões. Mais uma vez obrigada, espero que essa conversa seja útil para os cadernos.

NOTAS

¹ Entrevista feita por e-mail, gravada em áudio e aqui transcrita, com início em janeiro de 2017 por Lindamir Salete Casagrande que também é responsável pelo preâmbulo e por Lucas Bueno de Freitas.